
REVOLTA NAS ALDEIAS: O CONTO POPULAR FRANCÊS COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

Luiza Carvalho Santos Brandão¹
Constantino Luz de Medeiros²

Resumo: O artigo analisa e discute o conto popular francês enquanto instrumento de representação literária e de conscientização crítica das camadas sociais populares. Enquanto forma literária cuja origem remete à tradição das formas breves, o conto francês é um objeto muito importante para pensarmos a cultura popular no início da modernidade na Europa. Tais narrativas evidenciam a consciência do povo do campo acerca da dura realidade que os cercava e forneciam estratégias resistir a ela. Em um período em que a fome e a doença assolavam o continente, as histórias que os camponeses contavam serviam não apenas de divertimento, mas levantavam questões latentes à vida nos feudos, as quais, no decorrer do tempo, auxiliariam a formar o espírito crítico dessas populações. Para os franceses, os contos informavam sobre o mundo e forneciam meios para enfrentá-lo. No presente artigo, objetiva-se realizar esta discussão a partir da teorização realizada por Darnton (2014) sobre as histórias que os camponeses contam, tendo em perspectiva o conceito de resistência inerente à narrativa apresentado por Bosi (1996) e a produção de Burke (2010) acerca da descoberta do povo e da cultura oral. Para tanto, serão analisados os contos O pequeno polegar (PERRAULT, 2010), Jean de l'ours (anônimo) e L'enfant perdu (DELAURE, 1956).

Palavras-chave: conto popular; literatura de resistência; literatura oral.

Abstract: The article analyzes and discusses the French folktale as an instrument of literary representation and critical awareness of the popular classes. As a literary form whose origin dates back to the tradition of the short forms, the french folktale is a very important object for thinking about popular culture in early modern Europe. These narratives highlight the country people's conscience about the harsh reality that surrounded them, and provided strategies to resist to it. At a time when starvation and disease ravaged the continent, the stories told by peasants served not only as entertainment, but raised important questions about life in the fiefs, which, in the course of time, would help to form the critical spirit of these populations. For the french people, the folktales informed about the world and provided means to face it. The objective of this article is to carry out the discussion based on Darton's (2014) writings about french folktales, having in perspective the concept of resistance inherent to the narrative presented by Alfredo Bosi (1996) and Burke's (2010) theorization about the Discovery of the people and oral culture. For this purpose, the tales Little thumb (PERRAULT, 2010), Jean de l'ours (anonymous) and L'enfant perdu (DELAURE, 1956) will be analyzed.

Keywords: folktale; resistance literature; oral literature.

1 Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: luiza.bran@hotmail.com

2 Professor de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: constanteluz@gmail.com

Introdução

Dentre os contos de fadas que emergiram no continente europeu, os franceses estão, sem dúvidas, entre os mais difundidos, contados e recontados ao longo dos séculos. Quando se fala a respeito de tais narrativas, o nome que nos ocorre de maneira mais imediata é o de Charles Perrault. O seu trabalho de compilação de contos populares,³ publicado pela primeira vez sob o título de *Histoires ou Contes Du temps passé, avec des moralités (Histórias ou Contos do tempo passado, com moralidades)*, no ano de 1697, foi amplamente difundido e, nos dias de hoje, suas histórias são conhecidas por quase todos os adultos e crianças no mundo ocidental. O destaque dado ao trabalho de Perrault acaba, com frequência, por ofuscar o importante papel desempenhado por outros autores e compiladores, sobretudo mulheres como *Madame d'Aulnoy e Madame Leprince de Beaumont*. Muitas vezes também se ignora que as narrativas que conhecemos hoje sob o nome genérico de Contos de Fadas advêm de uma tradição popular e oral na qual não é possível precisar a autoria: se tratavam de histórias anônimas. Em seu trabalho, Perrault transplantou as narrativas da tradição oral para o ambiente das cortes, contribuindo para forjar uma nova tradição literária que pretendia “socializar, civilizar e educar crianças” (TATAR, 2013, p. 409).

A realidade é que as histórias recolhidas por Perrault, e por ele retocadas ao gosto dos frequentadores das cortes e dos salões burgueses, advêm da cultura oral praticada pelos camponeses que viviam na França durante o Antigo Regime. Nesse período, o país atravessava um momento de grande escassez e disseminação de doenças.⁴ A maior parte da população vivia em um grave estado de subnutrição, além de serem profundamente afetadas pelas epidemias que se alastravam pelo território francês. Segundo o historiador cultural Robert Darnton (2014), os camponeses tinham como principal fonte de alimentação espécies de papas feitas à base de pão, misturadas a verduras de plantio doméstico. Ainda assim, muitas vezes não era possível consumir a quantidade de pão necessária para que pudessem se manter saudáveis. O consumo de carne nesse cenário era extremamente escasso, sendo possível poucas vezes ao ano.

Diferente do que circula no pensamento comum, os camponeses – alguns inseridos em relações de servidão e outros com um pouco mais de liberdade –, não aceitavam de forma passiva essa realidade. Para Silvia Federici:

Contrariamente à descrição da sociedade Feudal como um mundo estático no qual cada estamento aceitava o lugar que lhe era designado na ordem social – descrição que costumamos encontrar nos livros escolares –, o retrato que emerge

3 O trabalho de compilação empreendido por Charles Perrault consistiu não apenas em transplantar as narrativas da oralidade para a cultura escrita. Em seu trabalho, Perrault retocou as histórias ao gosto da burguesia, acrescentando a elas uma série de ensinamentos de valores morais e cívicos modelados de acordo com os anseios da classe dominante. Vale ressaltar aqui o fato de que Perrault atuava enquanto funcionário da corte de Luís XIV. Embora as relações do autor com a política da classe dominante possam proporcionar um amplo debate, não é objetivo do presente ensaio realizá-lo com profundidade.

4 O problema da fome, evidentemente, não afetava os membros da classe dominante, que levavam, em sua maioria, uma vida de ócio e fartura.

do estudo sobre o feudo é, na verdade, de uma luta de classes incansável. (FEDERICI, 2017, p. 54)

A autora ainda afirma que, em alguns casos, essas lutas chegavam a momentos de grande tensão nos quais “os aldeões matavam o administrador ou atacavam o castelo de seu senhor” (FEDERICI, 2017, p. 54).

A consciência crítica e a resistência do campesinato à ordem feudal não se expressava somente na luta política cotidiana. Se observarmos a cultura popular francesa, em especial os contos populares, é possível perceber isso de forma bastante evidente. A maior parte das histórias dizia respeito à realidade do povo no campo: informavam sobre o mundo, ao mesmo tempo em que apontavam formas de sobrevivência. Como veremos mais adiante, o contador de história francês identificava, sem dificuldades, o seu inimigo de classe, além de apontar a astúcia e a inteligência enquanto mecanismos para que os “mais fracos” pudessem triunfar sobre os “mais fortes”. Pode-se afirmar, portanto, que, embora as histórias contadas ao redor das fogueiras fizessem parte do divertimento do povo do campo após exaustivas jornadas de trabalho,

Os contadores de histórias camponeses não achavam as histórias apenas divertidas, assustadoras ou funcionais. Achavam-nas “boas para pensar”. Reelaboravam-nas à sua maneira, usando-as para compor um quadro da realidade e mostrar o que esse quadro significava para as pessoas das camadas inferiores da ordem social. (DARNTON, 2014, p. 93)

Para que possamos melhor compreender a configuração do conto popular enquanto narrativa de resistência, utilizarei a concepção apresentada por Alfredo Bosi (1996), na qual o autor compreende que a resistência na narrativa pode se constituir de duas maneiras: a primeira enquanto tema, e a segunda enquanto processo inerente à escrita. Estamos tratando aqui de uma tradição oral, mas podemos observar a resistência mencionada por Bosi enquanto elemento intrínseco ao próprio ato de contar histórias, praticado pelos camponeses durante o Antigo Regime na França. Os contos franceses podem ser situados em um recorte temporal específico: a França que existiu entre os séculos XV e XVIII (DARNTON, 2014). Essas narrativas resistiram, ao longo de três séculos, sendo contadas de geração em geração. A esse respeito, Peter Burke afirma que

Cada artesão e cada camponês estava envolvido na transmissão da cultura popular, da mesma forma que sua mãe, mulher e filhas. Eles transmitiam cada vez que contavam uma estória tradicional a uma outra pessoa, ao passo que a criação dos filhos necessariamente incluía a transmissão dos valores de sua cultura ou subcultura. A vida numa sociedade pré-industrial estava organizada em base à coisa feita à mão pelo próprio indivíduo num grau que hoje em dia mal podemos imaginar. (BURKE, 2010, p. 130)

O fato de resistirem por três séculos através da transmissão oral, e também sua persistência até os dias de hoje através do reconto, aliado ao teor de inconformidade com a ordem feudal presente nessas narrativas, evidenciam que o conto popular francês se constitui enquanto forma de resistência, mostrando, sem dogmatismos, a “vida como ela é” (BOSI, 1996, p.23). Ao longo deste ensaio poderemos perceber o elemento da resistência no conto popular francês a partir de dois focos principais: a identificação do inimigo de classe, geralmente representado na personagem do ogro e a astúcia enquanto ferramenta de sobrevivência.

Identificando o inimigo de classe: o ogro como *le bourgeois de la maison*

Durante o período do Antigo Regime, os que não enfrentavam a pobreza e a fome nos campos, tentavam a vida nas estradas à procura de melhores condições. Burke (2010, p. 138) afirma que, devido ao fato de não haver uma alta densidade populacional na Europa no início da modernidade, muitos serviços eram prestados de forma itinerante. De artistas a latoeiros, inúmeras pessoas viviam de cidade em cidade. Ainda assim, entretanto, muitas vezes “a busca de fortuna era um eufemismo para a mendicância” (DARNTON, 2014, p. 58). Os que optavam por essa vida se viam em face a diversos perigos postos pelas andanças nas estradas e florestas: naquele período, os barulhos de animais, sobretudo o uivar dos lobos, presentes em diversas histórias informam mais a respeito de um medo real do que criam uma atmosfera fantástica ou sobrenatural.

Esse, certamente, é o contexto em que, no conto francês, Jean de l’Ours ganha a estrada, após realizar trabalhos para um ferreiro por três semanas. No conto, o personagem, junto aos seus companheiros de viagem, vive uma série de desventuras. Quero chamar a atenção aqui para a primeira delas: após caminharem quatro dias e quatro noites, o grupo de viajantes comandado por Jean de l’Ours se depara com um opulento castelo, e, ao adentrarem o lugar, dão frente a um salão no qual encontra-se uma mesa farta com um magnífico banquete. A comida desempenha, no conto popular europeu, um papel central. Se tratando de histórias que emergem em um período de grande fome para a maior parte da população, o grande desejo do herói de conto de fadas consiste, na maioria das vezes, em saborear um bom prato de comida. Ao passo que o herói camponês enfrenta as maiores adversidades para cravar os dentes em um pernil de porco ou abocanhar um bife suculento, os ogros franceses são, com frequência, proprietários de terras que levam uma vida de conforto, regada a fartos banquetes.

O ogro do conto francês nos é apresentado de forma bastante realista, se distanciando, em muito, da concepção de tal criatura sob a ótica do fantástico. Em *O Pequeno Polegar*,⁵ o Senhor e a Senhora Ogro são representados nos exatos moldes da família patriarcal monogâmica: enquanto o marido sai para suas caçadas, a esposa vive encerrada no ambiente doméstico, sendo responsável pelos cuidados com a casa e com as sete filhas do casal. Diferente das mulheres do campo que necessitavam, para sobreviver, participar do trabalho

5 Por questões de acesso, trabalharei aqui com a versão do conto escrita por Charles Perrault. Ainda que o autor submeta a narrativa a um processo de depuração, fazendo com que alguns elementos da mesma sejam bastante diferentes do que encontraríamos ao ouvir a história pela voz de um narrador camponês, os aspectos de maior relevância para a análise aqui proposta seguem existentes em sua versão do conto.

produtivo tanto quanto os homens, a Senhora Ogro é uma típica dona de casa cuja função é satisfazer às necessidades do marido. Isso se evidencia se nos atentarmos ao momento em que o patriarca chega à casa: “O ogro perguntou primeiro se o jantar estava pronto, se o vinho fora tirado da pipa, e foi logo se sentar à mesa.” (PERRAULT, 2013, p. 276) Além disso, o Senhor e a Senhora Ogro discutem, como qualquer outro casal, sobre o que irão servir em um banquete que será oferecido aos amigos do marido. Nessas histórias, então,

os ogres franceses aparecem no papel de *le bourgeois de La Maison*, como se fossem ricos proprietários de terras locais. Tocam violino, visitam amigos, roncam satisfeitos na cama ao lado de gordas esposas ogradas; e, por mais grosseiros que sejam, jamais deixam de ser bons pais de família e provedores generosos. (Darn-ton, 2014, p. 37)

Ao identificarem em suas narrativas a nobreza e a burguesia emergente enquanto ogros, os camponeses da França demonstram uma consciência crítica sobre o seu ser e estar no mundo, contrariando a já mencionada premissa de que, nos feudos, as relações entre as classes ocorreriam de forma estática e pacífica. A luta de classes empreendida nas aldeias, aliada à transmissão, através da oralidade, de histórias que informam sobre a realidade e, ao mesmo tempo, oferecem estratégias para suportá-la, evidenciam a capacidade de reação e resistência do povo do campo durante o Antigo Regime.

Astúcia e trapaça: estratégias para resistir e superar os problemas cotidianos

No período aqui compreendido, todos os membros da família eram responsáveis por trabalhar para garantir o sustento da casa. A noção de infância enquanto um período distinto da vida, no qual a criança é considerada um sujeito em desenvolvimento que deve ser protegido ainda estava a ser formulada, tendo em perspectivas, entretanto, somente aquelas pertencentes aos estratos mais abastados da sociedade. Os filhos e filhas de camponeses não eram tratados de forma diferente dos adultos, e se viam inseridos na realidade do trabalho a partir do momento em que pudessem ficar de pé. Por conta da fome e das doenças, a mortalidade infantil atingia índices extremamente altos e era corriqueiro que os pequenos fossem enterrados em valas comuns, sem nenhum tipo de tratamento especial (DARNTON, 2014). Além disso, as famílias de camponeses da França do início da modernidade europeia, se caracterizavam por proles numerosas. Essa característica é ressaltada em diversas histórias, frequentemente com certo exagero. Em *O Pequeno Polegar*, a mãe do personagem dá a luz em proporções quase inumanas. Dos seus sete filhos “O mais velho tinha só dez anos e o mais novo só sete. É de espantar que o lenhador tivesse tido tantos filhos em tão poucos anos; mas é que sua mulher não perdia tempo e não fazia menos de dois de cada vez.” (PERRAULT, 2013, p.270). Nesse cenário, ter uma boca a mais para alimentar poderia significar, como afirma DARNTON (2014), ultrapassar a linha tênue que separava as famílias entre a pobreza e a miséria. Por conta disso, além da morte de crianças por causas naturais, o infanticídio e o abandono constituíam práticas comuns para garantir a sobrevivência da

unidade familiar. É justamente este o contexto no qual o lenhador e a lenhadora resolvem deixar a sua prole na floresta: “Veio um ano de miséria, e a fome foi tão grande que esse pobre casal resolveu abandonar seus filhos.” (PERRAULT, 2013, p. 270) O mesmo ocorre no conto *L'enfant perdu*,⁶ similar ao alemão *Hansel und Gretel*, em que um casal avaro, ao perceber que os seus filhos, Jean e Jannette, causavam muitas despesas, resolveu abandoná-los na floresta: “A mãe disse ao marido: ‘Eu os levarei para o meio da floresta e os pedirei que recolham galhos secos; quando eles estiverem muito ocupados, eu os deixarei sozinhos e nós estaremos livres deles; pois os lobos irão comê-los quando anoitecer.’”⁷ (DELARUE, 1956, p. 97) Estamos aqui diante narrativas nas quais os pequenos se vêem impelidos a sobreviver por conta própria, enfrentando os perigos existentes nas florestas.

É certo que, com frequência, o conto francês versa sobre uma realidade de brutalidade nua e crua (DARNTON, 2014). Entretanto, as narrativas apresentadas também ofereciam àqueles que as escutavam estratégias para sobreviver à dureza da vida nos feudos. Aqui, a astúcia e a trapaça são meios encontrados pelas crianças para escaparem de ogros, bruxas e demônios empenhados em devorá-las. Diferente da moralidade burguesa, que condenaria tais características, nas histórias orais transmitidas por camponeses e artesãos, os heróis e heroínas, na maioria das vezes, não apenas sobrevivem, como são recompensados por suas ações no final das histórias, proporcionando aos pobres alguma esperança de superação, individual ou coletiva, do contexto de miséria no qual estavam inseridos. Em *O Pequeno Polegar*, o personagem demonstra sua astúcia antes mesmo de precisar lidar com o ogro que o deseja devorar. Atento, o menino escuta os pais planejarem o abandono dele e de seus irmãos e, a partir daí cria um plano para conseguirem retornar para casa, colhendo seixos e espalhando-os pelo caminho para que pudessem encontrar o rumo de volta. Em seguida, quando abandonados novamente, faz o mesmo com migalhas de pão. Embora a segunda tentativa de volta para a casa não seja bem sucedida e as sete crianças acabem parando na residência de um ogro ansioso para devorá-las, o menino consegue encontrar meios para escapar, contando com uma pequena ajuda da Senhora Ogro, que logra convencer o marido a abatê-los no dia seguinte, uma vez que o patriarca já havia devorado um farto jantar. Uma vez postos para dormir no mesmo quarto que as sete filhas do ogro, o Pequeno Polegar recebe que o monstruoso “anfitrião” resolva dar fim a ele e seus irmãos naquela mesma noite. Em uma tomada de decisão muito rápida, o menino consegue trocar o gorrinho que ele e os irmãos vestiam pelas coroas douradas das ogrinhas, fazendo com que estas sejam degoladas em seu lugar e possibilitando a fuga. Ao descobrir o engano, o ogro calça a suas botas de sete léguas e se põe a correr atrás das crianças. Já em *L'enfant perdu*, quando o Demônio, decidido a devorar Jean, pede que Jeannette corte o dedo do irmão a fim de verificar se ele já está gordo o suficiente para ser comido, a irmã corta a cauda de um rato, desapontando-o: “Ah’

6 A versão do conto utilizada está contida no livro *The Borzoi book of French folk tales*, de Paul Delaure (1956), traduzida do francês para o inglês por Austin E. Fife. Na obra, o autor apresenta os contos de forma mais aproximada daquelas versões que poderíamos escutar nas aldeias, sem os retoques realizados no trabalho da maioria dos compiladores de histórias populares entre os séculos XVII e XIX.

7 “The mother said to her husband: ‘I’ll take them into the middle of the wood and order them to gather dead branches; when they are very busy, I’ll leave them alone, and we’ll be rid of them, for the wolves will eat them when night comes.’”

disse o Demônio, ‘ele continua muito magro.’”⁸ (DELAURE, 1956, p. 99) e todas as vezes que o demônio pede à garota uma parte do corpo do irmão, ela o entrega um novo pedaço da cauda do rato. Um pequeno êxito dos “pequenos” contra os “grandes” já é conquistado no simples fato da sobrevivência, mas, para o consolo daqueles que escutavam as histórias no pé das fogueiras, a recompensa material também é alcançada.

Ao descobrir a trapaça de Jean e Jeanette, o Demônio de *L'enfant perdu* decide devorá-los imediatamente. Entretanto, ao deixar as crianças sob os cuidados da esposa, a mesma fica bêbada e adormece, possibilitando que as crianças cortem a sua garganta e consigam fugir com o cavalo e as jóias que pertenciam ao Demônio. Ao passo que o Demônio morre afogado ao ser enganado por um grupo de lavadeiras que encontra no caminho, Jean e Jeanette retornam à casa dos pais, tornando-os ricos e vivendo, daí em diante, uma vida feliz e confortável. Já o pequeno polegar, enquanto é perseguido pelo ogro, consegue tirar proveito do momento em que o vilão para a fim de descansar: manda os irmãos para casa e logra a façanha de roubar a bota de sete léguas e retornar à casa do ogro, onde inventa uma série de mentiras para a sua esposa que o possibilitam roubar todas as riquezas da casa para si, retornando, então ao lar dos pais, onde é recebido com muita alegria.

Podemos observar, portanto, que, para os pobres que necessitavam viver nas situações mais adversas durante o Antigo Regime, a mentira e a trapaça podem compensar. Diante da miséria, das doenças e o descaso, alguns valores morais perpetuados pela classe dominante – que, com frequência, não são seguidos por ela própria – podem ser abandonados diante da tentativa de alcançar melhores condições de vida. Nos contos populares franceses, nos vemos diante da representação de uma realidade despida de moralismos

Considerações finais

Para os franceses, os contos informavam sobre o mundo e forneciam meios para enfrentá-lo. Tais narrativas são dotadas de elementos que expõem a realidade e os perigos do mundo, seja mostrando a fome e as dificuldades às quais os heróis são submetidos, seja expondo, de forma metafórica, os ricos e poderosos enquanto ogros e demônios desprovidos e sentimentos e que provocam a morte por onde passam. A partir disso, os contos advindos da França do Antigo Regime, como afirma DARNTON (2014), tendem a sugerir cautela e estão longe de nos ensinarem a amarmos os nossos inimigos. É necessária malícia e esperança para sobreviver a uma realidade tão difícil, e a confiança no outro, sobretudo naqueles pertencentes às camadas privilegiadas da sociedade, se tratava de um item raro.

O conto popular evidencia uma luta de classes que, embora diferente da empreendida no seio da sociedade capitalista, se mantinha viva e constante. O triunfo do pobre sobre o rico demonstra o desejo de ruptura com a ordem vigente por parte do campesinato não apenas da França, mas de toda a Europa.

Burke (2010, p. 26) irá afirmar que, justamente entre os séculos XVIII e XIX a cultura popular tradicional começava a desaparecer. Diante disso, a cultura do povo se converteu em um interesse para os intelectuais europeus preocupados, sobretudo, com a formação de

⁸ “Ah,’ said the Devil, ‘he’s still too thin.’”

uma identidade nacional durante o período de emergência dos Estados-Nação. Ao buscarem na cultura popular encontrar o “verdadeiro espírito do povo”, os estudiosos encontraram também uma expressão de resistência e revolta diante das desigualdades e injustiças do mundo. Embora ficcionalizadas, sob a forma de histórias dramatizadas e repletas de criaturas inexistentes no plano real, a literatura que emergia do povo evidenciava as lutas empreendidas em um campo bastante concreto: a luta dos pobres contra os ricos que se fartavam em banquetes às custas da exploração e da pobreza da maioria. Portanto, “Ao virarem a mesa contra os ricos e poderosos, os oprimidos franceses o fazem de uma maneira bem material, num cenário bem terreno. Não matam gigantes numa terra imaginária, mesmo quando têm de trepar por pés de feijão para alcançá-los.” (DARNTON, 2014, p. 83).

O fato de fornecer elementos para pensar sobre a realidade e nela atuar configura o conto popular enquanto narrativa de resistência. A resistência em tais histórias, entretanto, também se expressa na sua permanência ao longo dos anos. Os contos populares na França sobreviveram por três longos séculos através da transmissão oral, com o empenho de camponeses e artesãos que mantinham vivas as suas respectivas culturas, transmitindo entre as gerações os saberes dos antepassados. Com o avanço da industrialização a partir do século XVIII e a gradual dissolução da vida comum durante o período de formação e expansão do capitalismo (FEDERICI, 2017), a tradição de contar histórias através da oralidade se tornou cada vez mais restrita. A individualização da vida aliada às, cada vez mais exaustivas, jornadas de trabalho reduziram a tradição de contar histórias após a labuta a algumas pequenas aldeias. É nesse momento em que emergem diversos trabalhos de compilação como o de Perrault, dos Irmãos Grimm, Madame Leprince de Beaumont, Alexander Afanasyev, Joseph Jacobs e vários outros. Retocando as histórias ao gosto da classe dominante e, posteriormente, adaptando-as para que pudessem adentrar os quartos das crianças, ensinando-as todo tipo de valores morais e cívicos, os contos, antes pertencentes aos contadores de histórias que davam vida às narrativas através de suas performances, assumem a forma estática da palavra escrita e passam a ser apreciados sobretudo de forma privada e individual. Afinal, como afirma Carter (2007), falar é uma atividade pública, e ler é uma atividade privada.

Embora tenham a sua natureza profundamente alterada na passagem da oralidade para a escrita, o conto popular se mantém vivo ao longo dos séculos através do reconto. É claro que essas narrativas tais como conhecemos nos dias de hoje não são idênticas às aquelas contadas pelos camponeses em suas lareiras a séculos atrás. Entretanto, tais histórias, como afirma Darnton, “Mudaram sem perder seu sabor, mesmo depois de absorvidas pelas principais correntes da cultura moderna, são testemunhas de uma antiga visão de mundo.” (DARNTON, p. 94). Muitos dos ensinamentos transmitidos por essa tradição, segundo o historiador cultural, se converteram em provérbios e ditados populares que, até os dias de hoje, preenchem o imaginário francês. Tais histórias resistiram e seguem resistindo no tempo e no espaço, impactando profundamente a forma de perceber o mundo em quase todo o ocidente, sendo elementos fundadores da cultura ocidental.

Referências Bibliográficas

- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. *Intinerários*. Araraquara, SP, n. 10, p. 11-27, 1996.
- BURKE, Peter. A descoberta do povo. In: BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 26-49.
- BURKE, Peter. A transmissão da cultura popular. In: BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 130-162.
- CARTER, Angela. Introdução. In: CARTER, Angela. *103 Contos de Fadas*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 13-26.
- DELAURE, Paul. The Lost Children. In: DELAURE, Paul (org.). *The Borzoi book of French Folk Tales*. Trad. Austin E. Fife. New York: Alfred A Knopf, 1956, p 97-102.
- DARNTON, Robert. Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso. In: DARNTON, Robert. *O Grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Trad. Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p. 21-93.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Syncorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- JEAN de l'Ours. *Tous les contes*. Disponível em: <<http://touslescontes.com/biblio/conte.php?iDconte=408>> . Acesso em: 24 ago. 2021.
- PERRAULT, Charles. O Pequeno Polegar. In: TATAR, Maria. *Contos de Fadas*. Trad. Ma Luíza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 269-283.
- TATAR, Maria. *Contos de Fadas*. Trad. Ma Luíza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

